

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Símbolos e materiais: uma conversa entre consciente e inconsciente por meio da livre expressão na Arteterapia**

### **Symbols and materials: a conversation between consciousness and unconscious through free expression in Art therapy**

Marina Moratto Barriatto<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo teve o objetivo de investigar como as sensações, os sentimentos e as experiências de vida podem ser traduzidas nos mais variados símbolos e quais mensagens acabam sendo veladas, interferindo na vida do sujeito sem a sua plena consciência. Foi percebido, por meio de práticas arteterapêuticas, como os materiais artísticos influenciaram a conversa entre consciente e inconsciente do assistido a partir de três percursos observados: “Saudade”, “Elaboração” e “Realização”. Com os saberes da Psicologia Analítica e da metodologia das Oficinas Criativas, foi reconhecida a importância de cada materialidade e sua intencionalidade dentro do *setting* arteterapêutico.

**Palavras-chave:** Arteterapia; símbolos; materialidade; inconsciente; triangulação.

**Abstract:** This article aims to investigate how sensations, feelings, and life experiences can be translated into a wide variety of symbols and which messages end up being veiled, interfering in the subject's life without their full awareness. Through art therapy practices, we observed how artistic materials influence the conversation between the conscious and unconscious minds of the patient, based on three observed pathways: "Longing"; "Elaboration," and "Realization." With the knowledge of Analytical Psychology and the methodology of Creative Workshops, the importance of each materiality and its intentionality within the art therapy setting was recognized.

**Keywords:** Art therapy; symbols; materiality; unconscious; triangulation

### **Introdução**

Os símbolos e os signos representativos são essenciais no processo de comunicação entre os indivíduos, afinal é desde a Pré-História, momento antecessor à linguagem verbal, que o ser humano se relaciona através de imagens. Atualmente, o símbolo está difundido no nosso cotidiano e em diferentes sociedades por influência cultural, sem contar a sua presença nas mais variadas vertentes do saber, como nas religiões, na filosofia, na matemática, entre outros. Embora existam aqueles globalmente reconhecidos,

---

<sup>1</sup> Arteterapeuta facilitadora das práticas descritas e pesquisadora na elaboração do trabalho. <http://lattes.cnpq.br/4790989249160345>. Filiada a AATESP, nº UBAAT 08/1162/0924.

como, por exemplo, o símbolo do quebra-cabeça para representar o Transtorno do Espectro Autista, outros são apenas compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto, como símbolos da arte do grafite. Além disso, eles podem substituir ou sugerir algo, tendo seu significado variado de pessoa para pessoa, como é o caso do símbolo da cruz utilizado na religião e na matemática.

Enquanto facilitadora arteterapeuta com colaboradores da área da saúde durante as minhas práticas supervisionadas, tive como objetivo investigar como as sensações, os sentimentos e as experiências de vida podem ser traduzidos nos mais variados símbolos e quais mensagens acabam sendo veladas, interferindo na vida do sujeito sem a sua plena consciência. Para isso, parti dos conhecimentos da Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung no início do século XX, e utilizei a metodologia das Oficinas Criativas, desenvolvida por Cristina Alessandrini (1996). Foi através do processo de ampliação dos conteúdos constelados nos trabalhos que reconheci a importância de cada materialidade e sua intencionalidade dentro do *setting* arteterapêutico.

O fazer criativo é um modo de expressão de grande importância quando se trata de adquirir maior autoconhecimento, reconhecimento das próprias emoções, sentimentos e projeções, o que consequentemente garante uma melhor administração das relações sociais (OSTROWER, 2014). É dele que resultados elucidativos emergem, e para sua melhor exploração, irei discorrer sobre eles em três percursos: a saudade, a elaboração e a realização.

### **Metodologia**

As práticas que aqui serão apresentadas, foram realizadas com um grupo de profissionais colaboradores da área da saúde de um centro de hemodiálise na região de Osasco, em São Paulo. Cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo informado sobre seus direitos e o que estavam por desenvolver, além de autorizarem o uso das imagens das atividades realizadas para fins acadêmicos. A empresa contratante dos serviços arteterapêuticos teve por objetivo fazer com que o colaborador reconhecesse a importância de cuidar da sua saúde mental para que pudesse melhorar o seu cuidado com os pacientes da clínica.

No total foram 20 participantes entre homens e mulheres, com idades variando entre 22 e 61 anos. Deste total, foram selecionadas 3 pessoas para compor o estudo do artigo. Cada sessão teve duração de 3 horas, sendo reservados 30 minutos para organização inicial da sala, 2 horas para atendimento e 30 minutos finais para recolhimento dos materiais, totalizando 51 horas de atividade em 17 encontros. Os encontros foram realizados uma vez por semana, com início no dia 11 de janeiro de 2024 e finalização no dia 23 de maio de 2024.

Para os atendimentos, foi utilizada a metodologia das Oficinas Criativas com as suas cinco etapas, desenvolvidas por Cristina Allessandrini (1996). Todos os encontros foram iniciados com a aplicação de sensibilizações, como a meditação guiada, a meditação ativa, a contação de histórias e as atividades de autopercepção corporal, para expandir a noção individual e coletiva do grupo em relação ao ambiente e o seu momento presente.

Em seguida, foi trabalhada a expressão livre, onde os participantes do grupo eram convidados a se expressarem, mostrando cada vez mais de si mesmos através das técnicas usuais do processo arteterapêutico, como colagem, alinhavo, desenho, pintura, escultura, práticas corporais, uso da palavra, dentre outros.

A terceira etapa se cumpria no momento em que os participantes elaboravam as ideias sobre suas criações a partir de um distanciamento reflexivo delas, pensando como se identificam com elas e o que elas dizem sobre eles, afinal é impossível distanciar o artista de sua obra.

O próximo passo, às vezes realizado de uma sessão para outra, foi a transposição de linguagem, que consiste na observação da obra que ganhou vida e a sua transposição para outro material, o que também proporciona a ampliação do seu significado (ALLESSANDRINI, 1996). Cada temática trabalhada passou pela última etapa: a avaliação, o momento de internalização e fechamento do ciclo, podendo haver *insights* e até lembranças pessoais. Por fim, nesta etapa a pessoa pôde reconhecer que através da Arteterapia ela poderá desenvolver pilares motivadores para seguir sua jornada de individuação, independência, autonomia, humor e criatividade. Assim, o processo em Arteterapia pode ajudar a amadurecer atitudes individuais e suavizar dificuldades.

### **Desenvolvimento**

A Arteterapia é uma área multidisciplinar que auxilia as pessoas a reconhecerem suas potencialidades e dificuldades a partir de diversas linguagens expressivas. É através do fazer artístico que o indivíduo cria, transforma, redescobre e passa a compreender e a lidar com as suas emoções, o que resgata sua autoestima, autoconfiança e autovalorização, proporcionando um manejo mais eficaz dos problemas que a vida apresenta e facilitando o planejamento da construção do seu projeto de vida. Além disso, como relata Philippini (2020, p. 150), “requer persistência, disciplina e aceitação das próprias imagens”.

Foi a partir dos conhecimentos da Psicologia Analítica, desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), que analisei e compreendi a importância dos símbolos que apareceram nas produções desenvolvidas pelos participantes durante as atividades aqui relatadas, bem como a influência que o inconsciente tem sobre as escolhas dos materiais e seus modos de criação.

A nossa psique é composta por dois centros autônomos considerados pares opostos:

consciente e inconsciente, que estão em uma constante tensão dinâmica. A diferença é que um está mais na superfície e o outro nas profundezas dos mistérios da mente.

Entende-se o Ego como a consciência, ou seja, o centro da identidade do sujeito, que é a área na qual é possível termos acesso e se adequa à realidade exterior (JUNG, 2000). Ao falar do inconsciente, tem-se o inconsciente pessoal, que abrange os conteúdos da própria biografia do indivíduo – vivências, traumas, materiais reprimidos ou esquecidos podem vir à consciência sob certas condições, dependendo da resistência psíquica de cada pessoa.

Jung também teoriza, conceitualiza e argumenta sobre a existência do inconsciente coletivo. Neste caso, entende-se como um “banco de dados dinâmico” repleto de conteúdos universais que adquirimos do funcionamento psíquico da humanidade, como um patrimônio que acompanha cada sujeito globalmente desde os seus ancestrais. Nele se instalam os mitos, contos, símbolos e arquétipos. “A descrição e o relato detalhado do arquétipo e do inconsciente coletivo converteram-se na assinatura de Jung, é a marca que distingue o seu mapa dos de todos os outros exploradores da psique profunda” (STEIN, 1998, p. 14).

Para o bom funcionamento da remada da vida, consciente e inconsciente sempre devem estar em comunicação. Um exemplo dessa dinâmica é o diálogo interno do indivíduo consigo mesmo, o que no senso comum é chamado de intuição. É como um *insight* ou um pensamento esclarecedor que não se sabe exatamente de onde vem, mas que a consciência recebeu acesso. Os sonhos também são eficazes para exemplificar essa comunicação, e vale dizer que são repletos de símbolos como mensagens a serem analisadas e decodificadas pela consciência (PARANAGUÁ, 2024). É um fluxo que não se vê, mas que também está muito presente no *setting* terapêutico.

E é através dos símbolos que aparecem nas atividades arteterapêuticas que é possível perceber essa união do que é manifestado com o que está oculto. Agora, se algo é simbólico, depende da atitude da consciência de quem observa, pois o conteúdo simbólico só se realiza como símbolo quando a consciência se abre para a interpretação.

Em vez de estar apta a formar imagens, a imaginação é uma potência dinâmica que deforma as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção, e esse dinamismo reformador das sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica. Pode-se dizer que o símbolo [...] possui algo mais que um sentido artificialmente dado, detendo um essencial e espontâneo poder de ressonância (DURS, 1963, p. 20-21<sup>2</sup> apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 17).

O símbolo une o racional e o irracional. Quando seu conteúdo é totalmente compreendido racionalmente, seu mistério se torna acessível ou desaparece e é reprimido ao inconsciente. “[...] o símbolo se distingue do simples signo e [...] anima os grandes

---

<sup>2</sup> DURS DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris, 1963.

conjuntos do imaginário: arquétipos, mitos, estruturas [...]” e “ para os gregos da Antiguidade, (os símbolos eram) sinais de reconhecimento que permitiam aos pais reencontrar os filhos abandonados” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 21). Podemos pensar que o atendido é esse pai em busca do seu filho, que são os seus conteúdos recalçados que interferem na sua vida cotidiana e diária. Encontrados e esgotados esses conteúdos-símbolos, esse “filho” torna-se não mais abandonado, mas acessível, podendo ou não retornar para o inconsciente, contudo, agora, tem-se maior noção da sua existência e da sua interferência na vida do sujeito, que não será mais nebulosa, pois foi descoberta, reconhecida e, assim, despotencializada, não sendo mais possível agir de forma anônima.

A decodificação simbólica da imagem permite recuperar um olhar de compreensão da forma para analisar seu conteúdo, e assim podemos rastrear os tipos de verdades em que acreditamos. Olhamos o fundo cultural e também sua reversão como figura de sentido individual (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 181-182).

Para que todos esses recursos fossem analisados, explorados e aprofundados de maneira lúdica e objetiva, foi necessário o uso de diferentes materiais e suportes. Mas é importante apontar que isso partiu do entendimento de que, antes de qualquer interação do sujeito com o material, todas as materialidades, independentemente de qual seja, já possuem as suas próprias informações e resistências, as quais dentro de um ateliê terapêutico devem ser levadas em conta, pois elas criarão um diálogo com o fazer artístico e criativo do sujeito. Além do consciente e inconsciente, essa é outra dança que se forma. Os “significados desvendam-se pela expressão pessoal em uma troca criativa com os produtos artísticos elaborados” (BARCELLOS, 2004, p. 150).

Com isso, durante as atividades, alcancei o objetivo de entender como a intencionalidade de cada recurso plástico poderia auxiliar na conversa entre o consciente e o inconsciente do sujeito nas práticas para que entrasse em contato com respostas elucidativas sobre suas vidas. Durante este processo, percebi que suas histórias de vida não teriam como estar desvinculadas às suas obras e, conseqüentemente, a alguns símbolos que se tornaram a chave para a compreensão de qual seria o próximo passo a ser dado. Decidi, então, destacar alguns percursos significativos que me nortearam nessa exploração.

**Saudade - Percurso da participante C: mulher de 58 anos.**

**Elaboração - Percurso do participante FN: homem de 38 anos.**

**Realização - Percurso da participante BD: mulher de 25 anos.**

### **Saudade - Percurso da participante C**

Esse percurso se iniciou com o totem pessoal e a exploração da imagem formada a partir do seu próprio nome (Figura 1). Por estarmos nos primeiros encontros, os materiais

disponíveis foram riscadores como giz de cera, lápis de cor e caneta hidrocor, pois são de maior familiaridade e acessibilidade no período da infância. Falamos sobre família, ancestralidade, identidade pessoal, gostos pessoais e unicidade de cada um, mesmo com semelhanças entre as histórias de vida dos participantes. Outra etapa da atividade foi o recorte e a colagem, que tem como intencionalidade o sujeito se perceber “destacado” de um todo com suas formas particulares.



**Figura 1.** Totem pessoal da participante **C**. Fonte própria.

**C** dedicou o seu totem à mãe, falecida há 19 anos. Pelo seu ato criativo espontâneo, a racionalidade ficou pra depois, permitindo às suas emoções emergirem. Ao lado da rosa, que representa a mãe por ter o mesmo nome da flor, fez pássaros em referência a si mesma e seus irmãos que voam em direção à flor. Como elemento central e maior que qualquer outro representado, penso que essa foi a sua maneira de demonstrar o tamanho da falta materna que sente, seja ela física ou psíquica.

Apesar da boa infância, ela se nomeou como “filha de criação”, pois foi adotada, mas ressaltou que não têm problemas com isso. Em atividades seguintes, retornou a falar dessa saudade, mas esclareceu o sentimento: “Sou a única mulher em casa, acho que sinto falta disso, de compreensão feminina. Eu estou sendo a base da minha família”. Sempre emocionada, dizia que gostaria de falar de sua mãe sem chorar.

Os recursos plásticos e o estímulo à imaginação foram suficientes para fazer emergir a memória da mãe. Sendo este o primeiro contato que **C** teve com a Arteterapia, esta

revelação abriu as portas para que seus sentimentos mal elaborados começassem a ser cuidados e ressignificados. “Essa captação de sentimentos e emoções que ficam excluídas na linguagem formal constitui a base da abstração conceitual da nossa língua e tem significação decisiva no desenvolvimento do espírito humano” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 182).

Apesar do nome da mãe da participante ser o mesmo que o da flor, o símbolo da rosa comumente faz referência a figuras maternas, como exemplo a Mãe divina, *Tripura Sundari* (Figura 2), da cultura indiana, ou ainda a Virgem Maria (Figura 3), no cristianismo (BÍBLIA, Lucas 1:26-38). Não sendo por acaso que o dia das mães é responsável por 16% da venda anual das floriculturas no Brasil, sendo a rosa vermelha o “carro-chefe” segundo Renato Opitz, diretor do Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor) (INFOMONEY, 2024).

A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura, da alimentação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 650). Sendo assim, **C** poderia estar entrando em contato com sua mãe interna para se fortalecer do afeto e da compreensão que sentiu no passado. Apesar do cansaço de ser “a base da sua família”, agora, enquanto mulher adulta, deveria buscar a sua própria nutrição, mantendo na mente e no coração o que aprendeu com sua mãe.



**Figura 2.** Mãe divina, *Tripura Sundari*. Fonte: Medium. Disponível em: <https://medium.com/@satyadevi/tripura-sundari-a-rainha-entre-os-reis-89a45710ad3b>. Acesso em: 28 mar. 2024.



**Figura 3.** Figura 3 - Virgem Maria. Fonte: Loja Terra Cotta. Disponível em: <https://www.lojaterracotta.com.br/blogs/oracoes-catolicas/terco-das-lagrimas-de-sangue-de-maria-rosa-mistica>. Acesso em: 28 mar. 2024.

É como uma cerca viva de lilases: cada pé provém de um rebento da raiz da planta mãe, “e mesmo que a mãe fraqueje e não tenha mais nada a oferecer, quando morre, por exemplo, o rebento pode sobreviver” (ESTÉS, 1999). É esse o modelo psíquico que traz esperança para a vida continuar, apesar das dores externas. Não há bênção maior que uma mãe possa dar à filha do que uma confiança na veracidade da sua própria intuição (ESTÉS, 1999).

O rompimento do vínculo entre a mulher e sua intuição [...] é muitas vezes encarado erroneamente [...] Não foi a intuição que se partiu, mas, sim, a bênção matrilinear da intuição, a transmissão da confiança intuitiva de todas as mulheres de uma linhagem, que já se foram, para aquela mulher específica — é esse longo rio de antepassadas que foi represado. A compreensão da mulher da sua sabedoria intuitiva pode ser fraca em consequência do rompimento, mas com exercício ela poderá se restaurar e se manifestar em sua plenitude (ESTÉS, 1999, p. 69).

Além disso, o símbolo da rosa é muito próximo ao símbolo da roda (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2022, p. 866). E sigo assim para a atividade que proporcionou o fechamento do ciclo de saúde da participante **C** e a elaboração dos seus sentimentos: o mandala de sementes, que, por uma feliz conversa entre seu consciente e inconsciente, ela intitulou de “Roda das emoções” (Figura 4).

Segundo Jung (2016), o mandala possui uma eficácia dupla: conservar a ordem psíquica, se ela já existe, e restabelecê-la, se desapareceu; além de trazer paz interior por proporcionar uma sensação de que a vida voltou a encontrar a sua ordem e o seu significado. Com isso, escolhi propositalmente pratos em formato circular. Já o ato de colar as sementes despertam, nas palavras de Pomeranz (2017), uma maneira eficaz de concretizar a certeza de tudo o que foi plantado simbolicamente em sua vida e a elaboração daquelas que não foram germinadas. Cada mandala pessoal foi criado com sementes como milho, girassol, chá preto, feijão preto, feijão carioca, folha de louro, canjica e cravo-da-índia. **C** aproveitou todos os materiais, pois trouxeram boas memórias de infância: *Minha mãe plantava couve, feijão, alface, e era muito bom plantar, colher e comer. Ela colocava a folha de louro no feijão, e nós tínhamos um papagaio que comia as sementes do milho e do girassol.*



**Figura 4.** Mandala pessoal da participante **C**: “Roda das emoções”. Fonte própria.

Novamente, apesar de não querer chorar, lágrimas rolaram. Por fim, ela compartilhou o resgate que sentiu com a Arteterapia, referindo-se tanto às memórias do passado quanto às reflexões de como vive no momento atual. Por não ter convivido com sua avó, comentou que através da arte passou a fazer questão de criar bons momentos com sua neta: “Esses dias minha neta quis dormir comigo. Ela nunca fez isso. Acho que estou criando um ambiente acolhedor”. Sua fala mostra que parece reconhecer a sua ancestralidade e aprender com ela a importância de auxiliar aqueles que estão sucedendo a sua existência, como sua neta. É como se, da mesma forma que tem memórias e saudades da sua mãe e de uma avó desconhecida em vida, ela também quer deixar a sua marca nos outros. O que faz sentido com seu título, afinal a roda fornece deslocamento de um lugar para outro, ou seja, **C** parece ter se permitido deslocar entre as suas emoções em uma busca de ressignificados e novas atitudes, aliviando a tensão iminente no início do processo.

#### **Elaboração - Percurso do participante FN**

Este percurso se iniciou com a construção do “farol pessoal” (Figura 5), que tem como objetivo fazer a pessoa refletir sobre a “luminosidade própria” e reconhecer a sua capacidade de influência na vida das pessoas. Iniciei o encontro com uma meditação guiada para que se teletransportasse mentalmente e, em seguida, realizasse o seu farol pessoal. Foram disponibilizados: tubos internos de papel higiênico, massa de EVA, papel sulfite colorido, tinta guache, pincel e tesoura.

Os tubos de papel higiênico na posição vertical formaram o corpo da escultura do farol. Este material foi escolhido propositalmente por ser firme o suficiente para dar estrutura e ascendência, além de possibilitar a livre escolha da pessoa para os unir sem a

necessidade de cola, podendo escolher entre dois ou mais tubos, resultando em um farol maior ou menor. Através da confecção deste farol, outro objetivo foi alcançado: descristalizar crenças sobre si mesmos de incapacidade perante a vida ou de serem obrigados a viver reféns das situações. Isso porque foi oferecido uma investigação dos modos de encaixe dos tubos, cortando-os ou não com a tesoura. Essa é uma metáfora para a busca de novas maneiras de viver, agir e reagir, assim como foi dado um novo sentido ao material reciclável, que se deslocou do seu modelo convencional de objeto para tornar-se arte. Reconhecendo esse processo, percebi que a utilização da cola não faria sentido, pois a sua intencionalidade pende para o sentido contrário da proposta, que é o de prender e aterrar, enquanto eu decidi instigar a flexibilidade ao estimular tanto o lado cognitivo quanto o sensorial.

A realização do farol a partir de uma escultura, que tem como propriedade a tridimensionalidade, força a percepção do sujeito para a sua capacidade de criação ao ver algo crescer em frente aos seus olhos, que é moldado e toma forma. Além disso, o farol se resolve em uma ascendência, como uma coluna, base e “ponto de equilíbrio entre o Céu e a Terra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 479). Pensando nessas características, não foi surpresa os participantes associarem os faróis a formas fálicas, afinal o falo simboliza o “lugar e origem da vida, do calor, da luz. [...] O falo preenche uma função, não somente geradora, mas equilibrada no plano das estruturas do dinamismo humano e da ordem do mundo. [...] Ele designa força criadora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 479-480). Para mais, os povos antigos viam no falo um objeto poderoso, perpetuador da vida de todas as espécies do planeta e neutralizador das coisas ruins (BONFIM, 2014), assim como o farol, que emana luz para auxiliar as navegações em alto-mar de qualquer perigo, por iluminar o que há nas sombras, e é visto como um porto seguro em terra firme.

Agora, para a decoração, com tinta guache, tive como intencionalidade trabalhar a fluidez no modo de ver, de ser e de se relacionar com o mundo. Ela desperta a emoção e “provoca uma certa tensão pela dificuldade de ser controlada”, o que conseqüentemente conecta o sujeito com a sua “brandura interna, cujas emoções os ajudam a se conhecer melhor e a lidar com [...] seus sentimentos” (CARRANO; REQUIÃO, 2022, p. 129).

Juntamente à tinta, também disponibilizei massa de EVA. Sua propriedade permite o ato de modelar, de explorar diferentes formas, texturas e cores intensas e de vagar entre os planos bi e tridimensionais. Ela cria “desafios, organização espacial e capacidade de formar estruturas, e mantê-las em equilíbrio, além de intensificar a experiência com o tato, envolvendo sensações com texturas e relevos” (PHILIPPINI, 2013, p. 72). Por fim, o papel sulfite colorido deu um contexto cenográfico aos faróis, além de reforçar a sustentação da obra e de possibilitar a organização das ideias, pois também foi decorado.



**Figura 5.** Farol pessoal do participante **FN**: “Força para quem nos vê”. Fonte própria.

O processo criativo de **FN** exemplifica bem as limitações que o material apresenta, a dança que ele realizou para se adaptar a isso e como fez do erro uma linguagem propícia para a exploração de si: “Eu queria por ele girando, mas a massinha não foi suficiente para cobrir todos os lados, o que fez sentido para mim. Às vezes quero transmitir alegria para alguém que precisa”, – parte da frente do farol –, “quando na verdade não estou tão bem” –parte de trás do farol –, “mesmo assim o outro se fortalece”. Em outra atividade, **FN** chegou a comentar que sempre tenta “ser um polvo para abraçar os amigos, a família, o trabalho” e acaba “chegando em casa cansado”.

Dworecki (1998, p. 121) explora a condição de que, além dos “acertos” nas produções, os erros conduzem a linguagem: “O aprofundamento dos erros ou acidentes revelam uma veia individual que poderá conduzir a uma exploração muito fértil. O erro, ocasional e depois consentido e buscado, tem na arte seu campo de expansão”.

Os materiais empregados no ateliê enfatizam a estrutura do trabalho, e o foco é a investigação e a representação de relações na realidade externa. Analogias são elaboradas. Às vezes, o significado pode ser intuitivo, representado por uma metáfora, por uma parábola, por imagens ou palavras. Uma resolução simbólica leva ao crescimento e ao *insight*. (JEZLER; CHIESA, 2004, p. 164).

Para **FN**, esse foi um momento de tensão, pois teve um plano que falhou, no entanto alcançou uma alternativa satisfatória. Contudo, no encontro seguinte confessou ter jogado o seu farol no lixo justamente por lembrar a ele e aos colegas um símbolo fálico. Essa atitude demonstra uma resistência de alcançar a ascendência, afinal é através do que incomoda que o sujeito encontra as respostas de que precisa para a evolução do seu *Self*

(ALVARENGA; OKAWA, 2021, p. 55). Felizmente, **FN** não deixou de participar dos seguintes encontros e muitas elaborações aconteceram.

Na atividade seguinte ele realizou seu mandala pessoal (Figura 6) apenas com milho, girassol, chá preto e feijão preto, e compartilhou algumas memórias: *“Eu pegava a semente de girassol do meu loro de estimação e plantava em uma praça abandonada perto de casa, lá no interior. No meu mandala fiz ao centro a terra como símbolo de fertilização e em volta coloquei uma proteção com as sementes de girassol e de milho, buscando alegria, luz e coisas boas. Os feijões na terra são as coisas que já não fazem mais sentido para mim e que foram enterradas. Coisas essas que me chatearam e mágoas perdoadas”* (PARTICIPANTE **FN**, 2025).

Ao final da atividade, **FN** concluiu que deseja fazer mais visitas a sua mãe, que mora no interior.



**Figura 6.** Mandala pessoal do participante **FN**: “Mundo”. Fonte própria.

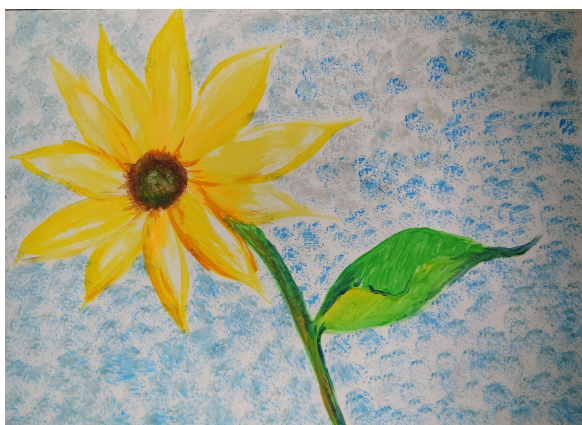
Como ele mesmo disse, a terra fertiliza e nutre, e decidiu colocar nela “chateações e mágoas”. Ao enterrar algo, principalmente grãos e sementes, é esperado que a alquimia da vida entre em ação e transforme o que foi plantado em uma nova forma. Essa elaboração pode significar que **FN** está pronto para ressignificar os incômodos que moram no seu interior, afinal, de acordo com Krampen-Koloski (1978), o ato criador surge de um estado de centramento quando a consciência se põe na escuta da totalidade de si. Ao focar a sua história de vida, aos poucos, respostas foram semeadas, fruto de reflexões cada vez mais profundas que ele se permitiu fazer.

Seguindo o fio da meada das sementes de girassóis, que foi marcante para todos,

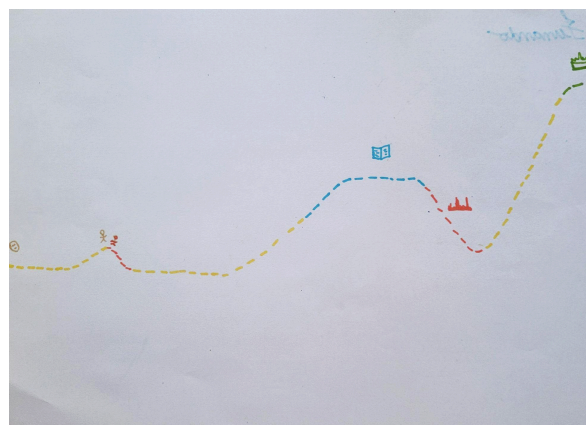
em seguida trabalhamos com a série dos 11 girassóis do pintor holandês Van Gogh (1853-1890). Com tinta guache e papel Canson, cada um pintou o seu próprio girassol explorando tanto a figura quanto o fundo. O que antes era semente agora é flor. Segundo Bernardo (2010), que relacionou os elementos da natureza com a tipologia de Jung, a função Sentimento, que simbolicamente representa o fluxo da nossa vida emocional, é mais bem trabalhada a partir do elemento água, sendo a tinta um material propício para isso. Assim, o indivíduo se move no fluxo da água e as emoções emergem, mexendo, remexendo e borbulhando.

Assuntos como a impermanência da vida surgiram, e **FN** comentou que representou um girassol vivo e sozinho (Figura 7): “O fiz como se fosse eu, porque eu moro sozinho, faço minhas coisas sozinho. E como o girassol tem uma vida curta, é importante aproveitar os momentos bons. Só não quero ter uma vida curta”. Sua representação é um exemplo do que afirma Campbell (CAMPBELL apud KRAMPEM-KOLESKI, 1998, p. 44):

[...] a arte é mais do que uma expressão, é a busca de imagens evocadoras que podem fornecer uma melhor compreensão do ser. A arte pode ser o caminho para se chegar ao sagrado e a seus mistérios, nos conectando às nossas necessidades mais profundas.



**Figura 7.** “Girassol da vida”, do participante **FN**.  
Fonte própria.



**Figura 8.** “Linha da vida”, do participante **FN**.  
Fonte própria.

**FN** se percebe sozinho. Então, qual será a influência que esse sentimento tem na sua busca por se esforçar tanto para ajudar os outros, como afirmou na atividade do farol?

Para o fundo do girassol, **FN** realizou “batidinhas” com o pincel, como uma variação da técnica de pontilhismo, sendo a mesma técnica que utilizou na sua obra “linha da vida” (Figura 8), com caneta hidrocor, no encontro seguinte. Desta vez, ele compartilhou que o início da sua vida foi marcada por brigas e separação. Talvez seja por esse motivo, inconsciente, que o fundo do seu girassol não tenha ficado homogêneo e a sua “linha da vida” não tenha ficado contínua. Apesar de diferentes materialidades exploradas, foi realizada uma mesma representação.

Após alguns encontros, fechamos o ciclo arrematando sentimentos e sensações sentidas até o momento ao relembrar dos assuntos mais marcantes durante as atividades, e foi então que **FN** teve uma revelação do que o seu inconsciente estava lhe comunicando, aliviando parte das suas angústias anteriores.

Como sensibilização utilizei um oráculo e contei a sua história e importância desde os tempos antigos. Em seguida, cada um tirou uma carta do baralho, observaram a imagem e leram a sua mensagem. As mensagens do oráculo são enigmáticas e não exprimem respostas concretas, cabendo aos participantes a sua própria interpretação para as cartas escolhidas, o que favorece a autoelaboração.

A partir desses estímulos e inspirações, em uma bandeja de isopor bordaram, com linhas coloridas e agulha, algo que fazia sentido para eles, pois “o ato de bordar e costurar pode ser considerada uma ação capaz de ativar a evocação, a recordação e a narrativa em várias comunidades” (ERTZOGUE, 2019). Foi como o encontro de um outro estado de espírito, exatamente como relata Philippini (2009, p. 65), “costurar e bordar nos ajuda a desacelerar, e creio que são atividades que podem ser consideradas compatíveis com as práticas de meditação em movimento”.

O isopor, em vez do tecido, dá mais resistência aos conteúdos que aparecem, além de propor novas maneiras de olhar para um mesmo objeto; e assim como anteriormente foi feito com o rolo de papel higiênico, o isopor ganhou uma nova funcionalidade. No entanto, a sua composição é mais frágil, podendo ser facilmente quebrado, diferente do tecido. Nisso, a atividade exigiu uma busca pelo equilíbrio entre a força física e as suas intenções mentais.



**Figura 9.** Carta “Ancestralidade” do Oráculo da vida. Fonte própria.



**Figura 10.** Intervenção no mandala “Olho de Deus”, no grupo **FM**. Bordado “Pai”, do participante **FN**. Fonte própria.

**FN** tirou a carta da “Ancestralidade”: *“Eu vejo uma árvore sentada na cadeira abraçando os outros, ela representa o pai, em seguida tem o filho, o neto, e estão todos interligados, como uma continuidade. Para mim, família é seguir os exemplos dos pais, coisa que eu não tive muito por parte de pai e que eu sinto falta. É apoio, cuidado, é estar junto”* (PARTICIPANTE **FN**, 2024).

Para ele, a árvore é a figura masculina de seu pai, e diferente das suas duas obras anteriores, ele fala sobre continuidade, de algo que está interligado e do que sente falta. Em seu bordado, feito com uma linha contínua, fez uma estrela em homenagem ao pai falecido: “Eu dizia pra minha irmã que ele virou uma estrela. Apesar de estar longe é reconfortante. O comportamento dos nossos pais acaba refletindo na gente”. Aqui, o símbolo da estrela parece ter ganhado um significado além do convencional dito pela astronomia.

Seu caráter celeste faz com que eles sejam também símbolos do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas transpassam a obscuridade; são faróis projetados na noite do inconsciente. [...] A estrela [...] de cinco pontas é o símbolo da manifestação central da Luz, do centro místico, do foco ativo em um universo em expansão. [...] ela representa o homem regenerado, radioso como a luz em meio às trevas do mundo profano (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 465).

A estrela, carregada de um símbolo luminoso, clareia a sua consciência ao mesmo tempo que parece evidenciar um conflito, que é a relação que **FN** teve com seu pai. Talvez por representarem “faróis projetados na noite do inconsciente” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p. 465), a obra do seu farol lhe incomodou. O símbolo fálico, o qual não conseguia “desver”, poderia representar a sua figura paterna e um possível conflito que tinham pela maneira que **FN** se apresenta no mundo, e mesmo o tendo jogado fora, a conversa psíquica entre o seu consciente e inconsciente favoreceu que o assunto, que não estava solucionado, mas ainda latente, viesse à tona momentos depois.

A agulha que atravessa o material com a linha faz analogia à passagem de um plano para outro, e é nesse constante movimento que antigas configurações mentais se transformam, tendo, enfim, a sua elaboração concluída.

### **Realização - Percurso da participante **BD****

Este percurso se inicia com o fortalecimento do Eu pessoal da participante **BD**, que, ao declarar estar fora da sua zona de conforto, entrou em contato com a sua potência criadora e criativa. Além dos *Girassóis* de Van Gogh, apresentei as três versões da obra *O quarto* do mesmo artista. Com lápis de cor, giz de cera e giz pastel oleoso em papel Canson, ela realizou uma releitura do quarto à sua própria maneira, mudando os elementos que quisesse e adicionando outros.



**Figura 11.** “Desordem ordenada”, da participante **BD**. Fonte própria.

**BD** iniciou a sua produção fazendo contornos com lápis grafite, como uma estratégia de prevenção e planejamento, ainda na sua zona de conforto. Antes de colorir, percebeu: “Já não tenho mais espaço para colocar coisa”, explicando que desenhou itens demais no quarto. Sua angústia se revelou na sua ansiedade durante o processo, pois constantemente desbloqueava o celular. Foi só quando ela começou a colorir com lápis de cor que conseguiu focar, provando a fala de Carrano e Requião (2022, p. 69), o lápis de cor “trabalha a organização, o limite, a atenção e a concentração”.

Em sua releitura, **BD** tirou uma das cadeiras do quarto e os itens de cima da penteadeira, fez o piso “amadeirado” e decidiu abrir a janela para “mostrar um pouco do céu”. Para ela, a obra original está “bagunçada”, “tudo parece sujo, com cheiro de mofo, a cadeira parece velha”. Relacionar uma imagem a um cheiro é um aspecto neurológico diretamente relacionado às memórias do sujeito<sup>3</sup>, tanto é que se emocionou ao compartilhar: “Por muito tempo eu morei com a minha família em casas de aluguel, tínhamos pouco dinheiro, pegávamos qualquer uma, e teve uma de madeira, velha, fedia e estava toda comida pelos bichinhos. Foi uma época ruim”. Ela disse que há tempos não se lembrava dessa experiência.

As imagens simbólicas, com suas múltiplas faces, exprimem os processos psíquicos de modo mais preciso e muito mais claramente que o mais claro dos conceitos. O símbolo não só transmite a visualização dos processos psíquicos, mas também, e isso é importante, a re-experiência desses processos (SILVEIRA, 1992, p. 87).

<sup>3</sup> Segundo John Harrison, pesquisador da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/todos-os-sentidos>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Apesar da iminente tensão sentida, **BD** encontrou três maneiras de se organizar e se proteger psicologicamente através do desenho:

1. Fez uma espécie de moldura ao redor do desenho;
2. Iniciou seu desenho inteiro com lápis grafite;
3. Comentou ter iniciado pela cama “para arrumar”.

Observando a sua releitura, concluiu que “se tornou um ambiente mais limpo e agradável”. Ela intitulou de “Desordem ordenada”, ou seja, apesar de não estar resolvida, está controlada.

Dentre todos os elementos da obra de Van Gogh apresentada, a janela foi a que mais chamou a atenção de todos. Assim, para a atividade seguinte, propus o conto “A arte de ser feliz”, da artista, poeta e escritora brasileira Cecília Meireles (1901-1964), que explora tanto as lembranças e emoções do passado quanto as diferentes maneiras de observar os acontecimentos do dia a dia. Com a intenção de investigarem as suas memórias, com diversas linhas disponíveis – lã, fio de malha e linha de bordado –, tesoura e cola, em uma folha Canson eles realizaram a sua própria janela, e com aquarela e/ou lápis de cor formaram uma cena que os deixavam “completamente felizes” – que fez sentido com o conto –, que podia ser algo já vivido ou inventado.

O olhar que antes estava para dentro da casa estava voltado para fora. Explorando retas e curvas, cada um traçou seus caminhos com objetividade, cortando o que deveria ser separado, colando o que deveria ser fixado, retomando seus próprios “fios da meada”, apropriando-se deles e descobrindo suas próprias saídas. Nesta atividade, **BD** também iniciou a sua produção com lápis grafite, permanecendo em uma área segura.



**Figura 12.** “Minha paz”, da participante **BD**. Fonte própria.

Buscando um acordo entre suas ideias e os materiais presentes, ela pintou o céu da sua cena com lápis de cor e experimentou passar aquarela por cima, pois queria mais movimento e um contraste mais suave na passagem da cor laranja para o rosa, além do aspecto translúcido que a aquarela permite. Essa exploração dos materiais também ocorreu ao representar as folhas da árvore com aquarela e o seu tronco com lápis de cor. Reconhecendo, consciente ou inconscientemente, que a propriedade do lápis é mais “dura”, de maior controle e de traços mais marcantes, ela pintou os prédios e as luzes das janelas apenas com este material.

De maneira espontânea, ela expressou as diferentes texturas dos objetos de sua cena a partir da escolha dos recursos plásticos, como exemplo, a diferença da rigidez do tronco e galhos da árvore em relação a sua copa formada por folhas. Ao finalizar, contou a sua história: *“Quando eu era criança morava no Pará, e o prédio mais alto tinha 5 andares, e meu sonho era ver um prédio muito alto. Então, aos 13 anos, me mudei para Brasília e o meu tio me levou para ver uma torre de TV. Eu morria de chorar porque era a realização de um sonho, pois eu morava nas cidades satélites. Quando eu mudei para São Paulo também senti a realização desse sonho. Fiz o céu assim porque eu amo o pôr do sol, daqueles que o céu muda de cor. O céu me dá uma tranquilidade de que eu venci o dia, é a minha paz”.*

A investigação das suas memórias foi essencial para perceber a sua produção artística com mais clareza.

A linguagem da arte pode nos ajudar a entrar em contato com os conteúdos do nosso psiquismo, justamente pelo fato de que podemos conferir à nossa percepção de mundo uma possibilidade de comunicação. E o fazemos por meio da forma. [...] Baseados em suas aparências expressivas, nossos olhos criam espontaneamente uma espécie de classificação de todas as coisas. Esta classificação aproxima diferentes categorias de coisas existentes de acordo com sua semelhança estrutural (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 182).

Após o seu relato, além dos prédios serem de concreto e rígidos, como representados pelo lápis de cor, ao saber que também são símbolos da realização do seu sonho, as delimitações que ela fez pareceram uma tentativa de torná-los reais, como se saltassem da folha. Além disso, ela realizou um sol bem marcado, podendo ser a representação do seu tio, que a ajudou no seu sonho. Segundo a *Tábua de Esmeralda*<sup>4</sup>, texto que revela o conhecimento antigo sobre o Universo e as suas verdades, em um dos seus 13 mandamentos, o sol é um símbolo masculino. O que antes eram tempos difíceis agora se conclui em boas realizações. **BD** não mais depende de moradias precárias e tem o

<sup>4</sup> Acredita-se ter sido escrito por Hermes Trismegisto, figura mítica, considerado o inventor das letras do alfabeto e da escritura, como um mensageiro dos deuses, revelador, profeta e intérprete da divina sapiência e do divino logos. Algumas versões afirmam que foi o próprio Abraão, o primeiro patriarca judeu-cristão, o criador do texto. Outros explicam que ele foi escrito por um filho de Adão e salvaguardado na Arca de Noé durante o Grande Dilúvio. Disponível em: <https://jungnapratica.com.br/a-tabua-de-esmeralda-alquimia/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

seu próprio apartamento em um prédio alto.

### **Materiais e a sua importância**

À luz da psicologia, Jung propôs que os instintos derivam do inconsciente, considerado a camada da psique na qual a biologia e o espírito talvez se encontrem (DUARTE, 2017). O ato de criar e de se expressar a partir da arte, seja no recorte e na colagem, na construção de um mandala de sementes ou na pintura sobre papel, é uma das maneiras que a alma se manifesta e, assim, revela as suas qualidades e instintos, muitas vezes reprimidos e machucados pelas adversidades da vida.

Estés (1999, p. 173) explica que “a ideia do instinto pode ser valorizada como alguma coisa interna que, quando mesclada com a previsão e a consciência, orienta os seres humanos no sentido de um comportamento integral”, ou seja, cada material, com as suas devidas limitações e resistências, tem a capacidade de orientar o sujeito a encontrar algo só seu. Contudo, por vezes, esse caminho não é muito glamuroso, mas de muita reflexão, como observado em cada percurso descrito anteriormente.

A materialidade é o braço direito do arteterapeuta, que ao conhecer as suas intencionalidades, propostas e possibilidades, compreende com mais clareza o “modo de funcionamento” de cada pessoa, o qual envolve suas estratégias de sobrevivência e hábitos comportamentais que têm origem em situações vividas desde a infância. Isso porque, até encontrar satisfação na sua criação para que ela expresse pelo não-dito o que se quer dizer, o sujeito poderá passar por obstáculos, desafios e contratempos até sintonizar o seu passo na dança das resistências.

### **Conclusão**

Com o encerramento das atividades, todos os participantes observaram o caminho que percorreram através das suas obras e ficou nítida a importância de cada atividade para a sua jornada pessoal. Eu, enquanto facilitadora de todo o processo, percebi como cada proposta foi compreendida e realizada de maneira única e singular, apesar de estarem em uma dinâmica grupal. Confirmei, assim, a presença da dança entre consciente e inconsciente, materialidade e criatividade, afinal cada um carrega a sua própria bagagem de existência, com memórias, experiências e sentimentos próprios. Independentemente do que acontecia nos encontros, esses elementos eram inatos a eles.

Nos três percursos traçados, todas as tensões se iniciaram com questões familiares a serem elaboradas internamente. As situações que viveram ainda faziam parte do seu presente, mas talvez não tivessem chances de serem olhadas com profundidade e cautela. A Arteterapia possibilitou esse encontro, e pela exploração dos materiais e capacidade de se entregarem ao processo sem julgamentos é que deram à luz aos símbolos que fazem

morada dentro deles. Símbolos estes que, ao terem seus significados elaborados, sopraram para longe as nuvens que bloqueavam a percepção das suas sensações sobre o percurso de vida que tiveram, o que ocasionava uma constante repetição de circunstâncias que lhe causavam mal-estar.

Toda forma de vida e de expressão humana têm o seu devido valor e lugar, basta estarmos abertos para aprender com elas, sem discriminações. Trocas surpreendentes são feitas ao exercitarmos o olhar para observar de maneira sincera e sem preconceitos. É uma via mão dupla, na qual o arteterapeuta pode tanto ajudar àqueles que precisam quanto se conhecer ainda mais ao refletir sobre as suas condições a partir da existência do outro. Assim como é no jardim de infância, onde as crianças estão conhecendo o mundo a partir de novas experiências, também é para os participantes da Arteterapia. Em ambos os casos, mas em diferentes escalas, a arte auxilia na conscientização do poder criador e criativo do sujeito, bem como estimula o seu aprimoramento cognitivo.

**Data de recebimento:** 23.06.2025

**Data primeiro aceite:** 17.08.2025

**Data segundo aceite:** 22.08.2025

### Referências bibliográficas

ALESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALVARENGA, Carina Abud; OKAWA, Cinthya Soares. **Conversando se entende: aprendizados, técnicas e práticas para transformar conflitos em possibilidades**. São Paulo: Arquipélago Negócios, 2021.

BERNARDO, Patrícia Pinna. A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos. - **Arteterapia e mitologia criativa: orquestrando limiares**. São Paulo: Edição do Autor, 2010. v. 4.

BONFIM, Flávia Gaze. Perspectivas sobre o escrito lacaniano: “a significação do falo”. **Analytica**, São João del Rei, v. 3, n. 5, p. 157-182, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972014000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000200009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 jul. 2024.

CARRANO, E.; REQUIÃO, Maria Helena. **Materiais de Arte**. [s.l.] Digitaliza Conteúdo, 2022.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

BARCELLOS, Maria Alice *et al.* O resgate do universo feminino. *In*: CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, Arteterapia e História da Arte**. São Paulo: Summus Editorial, 2004, v. 3, p. 149-195.

CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em arteterapia**: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

DUARTE, Alisson José Oliveira. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Junguiana**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 5-19, jun. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252017000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 jul. 2025.

DWORECKI, Silvio. **Em busca do traço perdido**. São Paulo: Scipione Cultural/ Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ERTZOGUE, M. H. Quando o bordado e a memória se entrelaçam: imagem e oralidade em arpilleras amazônicas. **História Revista**, Goiânia, v. 23, n. 3, p. 104–120, 2019. DOI: 10.5216/hr.v23i3.51464. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/51464>. Acesso em: 28 mar. 2024.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (Arcos do Tempo).

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**; [concepção e organização Carl G. Jung]. 3.ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KRAMPEN-KOLOSKI, E. Arte e meditação. **Revista de Arteterapia**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 37-47, 1978.

LOPES, Fernando. Rosas lideram vendas no Dia das Mães, o “Natal das flores”: expectativa é de aumento de quase 10% no volume total comercializado este ano. **InfoMoney**, 12 maio 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/business/rosas-lideram-vendas-no-dia-das-maes-o-natal-das-flores/>. Acesso em: 8 ago. 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PARANAGUÁ, Tatiana. Mulheres que correm com os lobos. Aula ministrada no Clube do livro. **Casa do saber**, 27 maio 2024.

PHILIPPINI, A. (org.). **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. (org.). **Grupos em Arteterapia – Redes criativas para colorir vidas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

\_\_\_\_\_. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

POMERANZ, Cristiane T. **Arteterapia para a modernidade do envelhecer**, 16 jun. 2017. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/arteterapia-para-modernidade-do-envelhecer/#>. Acesso em: 2 mar. 2024.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 1998.